

Introdução

Vinicius Vieira Pereira



Se as inquietações que desafiam um pensador são as próprias de seu tempo histórico, as resenhas às quais os leitores terão acesso nesta revista corroboram tal premissa em toda sua essência e significado. Os trabalhos aqui publicados por doze jovens pesquisadores, estudantes de graduação de uma das ciências sociais aplicadas, a Economia, foram produzidos em meio a uma tragédia sanitária, social e econômica de amplitude e dimensão ainda desconhecidas até o momento. Longe de se tratarem de observações passivas sobre o cenário cruel e angustiante que envolve a todos neste momento, os textos representam o desabafo da parte desses jovens que se negaram

a permanecer inertes diante do grave problema sanitário que vem destruindo vidas, ameaçando a economia, desnudando a fragilidade de nosso sistema público de saúde e escancarando as desigualdades sociais no Brasil.

Concomitante à produção desta publicação, o Brasil e o mundo vivem o drama social causado pela pandemia da Covid-19, uma síndrome respiratória aguda grave provocada pelo novo coronavírus e que pode levar à morte o organismo infectado. Tendo se iniciado na cidade de Wuhan, na China, em 17 de novembro de 2019, data do primeiro caso confirmado da doença, o vírus avançou pelo planeta de forma veloz, o que levou a Organização Mundial de Saúde a elevar o estado de contaminação ao *status* de pandemia em 11 de março de 2020. Até o início de julho, a contabilidade dos casos assustava pela sua magnitude, mais de dez milhões de infectados e meio milhão de mortos espalhados em quase 200 países do mundo, dos quais, mais de um milhão e meio de infectados e de sessenta mil mortos só no Brasil, números que não param de crescer e que já alçaram o país, até o presente momento, ao segundo lugar no mundo em casos de infectados e mortos, sendo superado apenas pelos EUA.

À medida que o vírus avançava, as recomendações sobre a necessidade imediata de isolamento social se tornavam recorrentes, especialmente por parte de especialistas em epidemiologia de todo o mundo. Apesar do descaso por parte do presidente de nossa república, e de parte da população, em relação à gravidade e às formas de enfrentamento da expansão da doença, as medidas de distanciamento compulsório entre as pessoas foram, rapidamente, sendo aplicadas em quase todo o território nacional. Frente à ameaça de caos no sistema público de saúde, os ambientes propícios às aglomerações de pessoas, tais como escolas, universidades, bares e áreas de lazer e esportes, nichos favoráveis à disseminação do coronavírus, foram fechados. Amigos, colegas, vizinhos e, em alguns casos, familiares, desapareceram do convívio regular das pessoas. A vida tomou, repentinamente, um rumo inesperado e indesejado.

Foi nesse momento, mais especificamente, a partir de março de 2020, enquanto sentimentos de tristeza, ansiedade, solidão e impotência nutriam a incerteza quanto ao futuro, que os doze bolsistas do Programa de Educação Tutorial do Curso de Ciências Econômicas da UFES sentiram a necessidade de se manifestar e debater a questão social latente. A forma por eles encontrada para concretizar esse objetivo materializou-se por intermédio de uma atividade regular, e já tradicional,

do PET Economia da UFES, a produção das Resenhas Econômicas, textos de opinião elaborados e divulgados quinzenalmente por duplas de petianos, a partir de matérias ou reportagens veiculadas pela grande mídia, com o objetivo de apresentar aos leitores uma visão crítica e própria de seus autores sobre um tema relevante do cotidiano.

A escolha pela publicação dos textos na ordem cronológica em que foram produzidos traz um significado ímpar, o de apresentar, de modo evolutivo e dinâmico, a percepção e a compreensão do fenômeno da crise sanitária à medida que as transformações se processavam na realidade material, afetando os sentimentos e a vida dos próprios autores. Assim, Ruth e Paulo Giovani assinam a primeira resenha, publicada em 26 de março, mas escrita ainda na segunda semana do mês, momento em que, apesar do avanço da doença no mundo, no Brasil, contavam-se apenas alguns poucos casos de infectados espalhados por todo o território nacional e nenhuma morte pela doença havia sido ainda confirmada. Se, naquele momento, a pandemia era apenas uma ameaça ao país, foi outro grave problema social em curso que chamou a atenção dos dois escritores: a crueldade e a violência que, disfarçadas de justiça e punição, expõem as parcelas mais pobres da população brasileira à mercê de um sádico processo de *Punitivismo penal*. A sensibilidade incomum para o tema e a crítica afiada dão o tom dessa resenha inaugural.

No entanto, no dia 17 de março, a necessidade da imposição de medidas de isolamento social ganhou destaque diante da primeira morte por coronavírus no Brasil. Frente a um inimigo de força e resistência desconhecidas, o sentimento de medo que antes era apenas uma ameaça, impôs a cautela e a necessidade de informações precisas, não apenas sobre a doença, mas, também, acerca dos efeitos da pandemia sobre a economia. Esse foi o tom da resenha, *Raio X do coronavírus*, ao longo da qual Amanda e Maicon constroem um texto objetivo, que não se restringe aos aspectos aparentes do fenômeno, mas que destaca também o papel da grande mídia nesse momento e alerta sobre o risco de pânico e insegurança resultantes da desinformação provocada pelas *fake news* que se disseminam nas redes sociais.

Com o passar dos dias, as preocupações com os possíveis efeitos da pandemia provocaram um acalorado debate envolvendo as necessidades materiais da população. Polarizado entre duas posições aparentemente antagônicas e excludentes, os argumentos pautaram-se, alternativamente, em cuidar da saúde e, portanto, respeitar as medidas de isolamento social, ou preocupar-se com a subsistência e, dessa forma, voltar imediatamente à vida normal de trabalho, desrespeitando-se algumas recomendações de prevenção. Em *É preciso escolher entre vida e economia?*, Bruno e Lays questionam até que ponto a defesa da manutenção da atividade econômica é de fato incompatível com a adoção de medidas de preservação da saúde e da vida, além de deixarem um importante alerta sobre as possíveis consequências das escolhas feitas nesse momento.

O agravamento do quadro de infectados e mortos pelo país revelava, a cada dia, as fragilidades e insuficiências da estrutura social gestada ao longo do processo histórico de desenvolvimento do sistema capitalista no Brasil. Nesse contexto, Amanda e Otávio escrevem a resenha, *Habitação em meio à pandemia: um debate necessário*, na qual analisam as precárias condições de moradia e saneamento básico das famílias que vivem nas periferias das grandes cidades do país, onde, além de conviverem com uma realidade socioespacial favorável à contaminação pelo novo coronavírus, tornam-se ainda vítimas constantes da especulação financeira e imobiliária e de um sistema econômico excludente que desconhece o direito a uma vida digna para todos.

Mas, para além das preocupações com a vida material, a necessidade de se manter em isolamento social começava a provocar os primeiros sinais de desassossego e inquietação, repercutindo, muitas vezes, no comportamento e na saúde mental dos indivíduos. Após mais de um mês de confinamento, Matheus e Plínio mostram sensibilidade na resenha, *O grito*, ao debaterem a crise existencial que subjaz à angústia da interrupção das atividades cotidianas regulares numa

sociedade produtivista, acostumada a premiar o sucesso e a produtividade e a punir o ócio e o tempo livre. Diante desse cenário, uma questão se eleva ao longo do texto: estariam os indivíduos capacitados para construir novos e diferentes elos de sociabilidade?

Já em *Flexibilização em jogo*, Lorena e Maicon dedicam-se a investigar se, ao final de abril, o Brasil já estaria preparado para iniciar um processo de afrouxamento das regras de distanciamento e isolamento sociais como defendiam alguns governantes e, por que não dizer, desejava uma parcela da população que preferia politizar essa escolha. Apresentando e discutindo diferentes ações de enfrentamento da pandemia utilizadas por autoridades governamentais de outros países, os autores avaliam o impacto da flexibilização do isolamento social no Brasil num momento em que os casos de contágio pelo vírus estavam em elevação no país e o número de testes realizados, bem aquém dos recomendados pelos especialistas da área da saúde.

Mas, se a pandemia toma a quase totalidade da atenção e preocupação nestes dias de angústia, Gisele e Paulo Octavio, parafraseando o secretário geral da ONU, afirmam que *Em meio à pandemia, há outra emergência*. No texto, os autores lançam um apelo em favor da natureza e um alerta contra a crise ambiental e a iminência de um colapso climático no planeta, lembrando que, apesar dos esforços concentrados no combate ao novo coronavírus, não se pode fugir do enfrentamento sério e responsável dessa questão ainda mais abrangente, sob pena de, em não o fazendo, criarem-se as condições propícias para renovados e regulares surtos pandêmicos no mundo, além de se colocar em risco a continuidade da existência humana na terra.

Em meados de maio, dois meses após a interrupção das atividades acadêmicas e escolares, Otavio e Paulo Giovani debatem o direito à educação em meio à pandemia e ao isolamento social na resenha, *Pandemia e a precarização do direito ao acesso à educação*. Os autores apontam para as dificuldades de acesso ao ensino remoto enfrentadas pela maioria dos jovens do país e chamam a atenção para o risco da retomada imediata dos conteúdos educacionais por meio de plataformas digitais e do ensino a distância como substitutos do ensino presencial, postura que poderia colocar a sociedade brasileira sob forte ameaça de aprofundamento, via sistema educacional, da extrema desigualdade econômica e social que impera no país.

Diante do avanço da pandemia e da continuidade do isolamento social, Lays e Matheus lançam o olhar sobre os trabalhadores e profissionais que, por desempenharem atividades consideradas essenciais, acabam ficando expostos, desprotegidos e, portanto, vulneráveis à contaminação pelo novo coronavírus. Em *Economia genocida*, a visão economicista que privilegia a continuidade do processo de acumulação de capital independentemente da preocupação com a exposição dos trabalhadores aos riscos de contágio e morte é questionada e a atenção com a saúde e os direitos dos trabalhadores emerge como contraponto necessário.

Em *A relação do Brasil com o dólar*, produzida no final de maio, quando, além do agravamento da crise sanitária no Brasil, a moeda americana atingiu a maior cotação da história do Real, desde 1994, ao se aproximar de seis reais para cada unidade de dólar, Bruno e Plínio fazem um breve retrospecto histórico da relação entre essas duas moedas e explicam o problema da política cambial e os efeitos do preço da moeda estrangeira sobre a economia nacional. Um texto acessível, ideal para traduzir o rebuscado “economês” que, não raras vezes, exclui do debate econômico a maior parcela da população brasileira, incapaz de entender o significado e as conseqüências da elevação da cotação do dólar sobre sua vida cotidiana.

A crise conjuntural provocada pelo novo coronavírus agravou o quadro estrutural recessivo da economia brasileira, elevando drasticamente os níveis de desemprego, destruindo parte da renda média das famílias e ampliando o já grave quadro de desigualdades sociais. Após essa constatação, Gisele e Lorena apresentam, em *Renda Básica*, alguns modelos alternativos de transferência de renda e discutem a necessidade de adoção de uma política permanente, ou de longo prazo, de

assistência social, capaz de garantir um rendimento básico para as famílias mais pobres do país e que vá além do caráter apenas imediatista que caracteriza o auxílio emergencial concedido pelo governo durante a pandemia.

Paulo Octavio e Ruth fecham os trabalhos com um texto tocante, cujo foco se volta para o problema enfrentado pela classe artística diante das medidas de contenção da propagação da Covid-19, especialmente, as que dizem respeito ao isolamento e distanciamento sociais impostos pelas autoridades governamentais. Com o título, *Em meio à pandemia, arte!*, a resenha aborda o grave problema vivido pela maioria dos artistas brasileiros que, uma vez proibidas as aglomerações de pessoas, perceberam-se também sem público e rendimentos, muito dos quais tornando-se dependentes tão somente da ajuda e da solidariedade de colegas e familiares para escaparem da fome.

Portanto, está lançado o convite para você, leitor, acompanhar esses jovens escritores ao longo dessa jornada que se estende por quatro meses, num período em que a sociedade se expõe não apenas ao novo coronavírus, mas à privação do contato social, à incerteza do futuro, à tragédia da fome, à crueldade do preconceito e do descaso. Apoiados nos dados, na ciência e no senso crítico, os textos aqui publicados revelam uma significativa descoberta, a de que, para além dos negócios, das finanças e dos interesses individuais, residem a aflição e a dor de uma sociedade doente. Clamam, portanto, a seguir a lição deixada por Albert Camus, o ilustre representante da estética do absurdo, quando de sua passagem pelo Brasil, em 1949, ao se referir à tragédia provocada pela epidemia da peste bubônica em seu país de origem, a Argélia, dois anos antes: “*Não podemos ficar alheios e distraídos. Nem o momento comporta atitudes de indiferença. Não durmamos, pois, que a paz será uma realidade, ela que, agora, não passa de uma promessa*”.

Aproveitem a leitura...